



No comício de Copacabana — emoldurado pelos navios da Marinha, paraquedistas militares e pela Esquadilha da Fumaça —, Bolsonaro elege novos alvos para tentar alavancar a campanha à reeleição

Na orla do Rio, ataque a Lula e vários autoelogios

» VINICIUS DORIA

Rio de Janeiro — Jair Bolsonaro conseguiu, no Rio de Janeiro, atingir um de seus objetivos no 7 de Setembro: na orla de Copacabana, na zona sul da capital fluminense, promoveu o maior evento da campanha pela reeleição até agora. Milhares de apoiadores, a grande maioria com camisetas amarelas e verdes, lotaram a Avenida Atlântica e a faixa de areia da praia. Quando o presidente da República discursou, em cima de um trio elétrico contratado pelo pastor Silas Malafaia, aviões da Esquadilha da Fumaça ainda se exibiam nos céus de Copacabana.

O governo federal até tentou separar as atividades cívico-militares marcadas para comemorar o Bicentário da Independência dos atos da campanha à reeleição. Mas não era possível saber onde uma terminava e a outra começava. Carros de som ocuparam toda a avenida e os maiores, incluindo o de Malafaia, estacionaram bem ao lado do palanque armado pelos militares.

No mar, navios da Marinha brasileira e de outros países permaneceram fundeados em frente à praia, enquanto paraquedistas militares pousavam no meio da multidão. Bolsonaro chegou a Copacabana pouco depois das 15h, à frente de uma motocicleta de apoiadores, uma das marcas da campanha pela reeleição.

Depois de assistir ao ato cívico-militar preparado pelo Comando Militar do Leste (CML) em frente ao Forte de Copacabana, o presidente seguiu, com o governador do Rio, Cláudio Castro — também candidato

Carl de Souza/AFP



Bolsonaro é saudado na chegada ao ato de campanha que seus apoiadores realizaram em Copacabana

à reeleição — por um corredor aberto entre a multidão até o trio elétrico de Malafaia — que contou, ainda, com a presença do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), cuja candidatura foi vetada pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Aos apoiadores, Bolsonaro fez um discurso autoelogioso e econômico nas acusações. Mirou diretamente o adversário Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líder nas pesquisas de intenção de votos, ao chamá-lo de “quadrilheiro de nove dedos” e de dizer que o lugar dele “é na prisão”. E rechaçou acusações de corrupção: “Não sou bem educado, falo palavrões, mas não sou corrupto”, afirmou, recebendo como resposta gritos

de “mito, mito!”. Disse, ainda, que o governo está “há três anos e meio sem corrupção”.

Já o Supremo Tribunal Federal e o Congresso foram poupados de críticas mais ácidas. “Hoje, vocês sabem como funciona a Câmara dos Deputados, o Senado Federal e o Supremo Tribunal Federal. O conhecimento garante a nossa liberdade. Hoje vocês sabem como é difícil defender esse bem maior, que é a nossa liberdade”, disse.

“Decolando”

Em vez de ataques, o presidente preferiu fazer um discurso repleto de elogios ao próprio

governo, destacando a economia e a gestão da pandemia de covid-19. Sobre a ação do governo na crise sanitária, disse que o país “é referência mundial” graças à decisão de enfrentar o que chama de “política do fique em casa”. Sobre economia, bradou que “o Brasil está decolando” e que apresenta “números invejáveis”.

O presidente também fez elogios à política externa brasileira, que chamou de “inigualável”. Defendeu as pautas conservadoras e os empresários bolsonaristas investigados por pregar, em um grupo de WhatsApp, um golpe de Estado. Entre eles Luciano Hang, que estava com o presidente no evento do Rio.

Henrique Lessa/D.A Press



Se o presidente não fala em golpe, seus seguidores o fazem abertamente

intenção de votos, e o tema da corrupção foram bem menos citados do que o esperado.

O candidato bolsonarista Tarcísio de Freitas (Republicanos) aproveitou a presença dos apoiadores do presidente para turbinar a campanha — está em segundo nas intenções de voto, atrás de Fernando Haddad (PT). Tanto que classificou

a manifestação como uma “nota promissória” da população à sua candidatura.

“Nosso país vai dar certo, porque ele tem vocês, cada um de vocês. Vocês não aceitaram fazer parte da geração perdida, vocês são a geração da transformação, do Brasil grande, do Brasil contente”, disse aos apoiadores do presidente.

Demonstração de força na Avenida Paulista

» HENRIQUE LESSA

São Paulo — As manifestações de apoio a Jair Bolsonaro (PL), na tarde de ontem, na Avenida Paulista, em São Paulo, mostraram a força do candidato que, apesar do número de participantes menor que o 7 de Setembro do ano passado, conseguiu lotar a região mesmo com frio e uma chuva intermitente. O grande público que esteve numa das principais vias da capital para manifestar adesão à campanha da reeleição do presidente, não deu o mesmo prestígio ao desfile cívico-militar na região do Ipiranga, local onde está o museu e a cripta de Dom Pedro I.

Os 13 trios elétricos espalhados pela Paulista alternavam a trilha sonora entre o Hino Nacional, músicas da campanha de Bolsonaro e discursos de

apoiadores e candidatos a deputado. Entre os que falaram estavam o filho 03 do presidente, Eduardo, o ex-ministro do meio ambiente Ricardo Salles — ambos disputando uma vaga na Câmara dos Deputados — e o ex-ministro Marcos Pontes, que concorre ao Senado pelo estado.

Se nas últimas semanas Bolsonaro adotou um tom mais moderado sobre as instituições, na manifestação de São Paulo houve uma profusão de ataques ao Supremo Tribunal Federal (STF) e de defesas de um golpe de Estado e do voto impresso pelos apoiadores. Além disso, foram vistas bandeiras do império, cartazes contra o aborto e diversos pontos com orações coletivas. Já o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que lidera as pesquisas de

Repúdio por campanha em data cívica

» TAÍSA MEDEIROS

Os presidenciáveis Simone Tebet (MDB), Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Ciro Gomes (PDT) repudiaram a utilização, pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), do dia em que se comemorou o Bicentário da Independência do Brasil para a realização de atos eleitorais em favor da sua reeleição. Dos três, o último a se manifestar foi o petista, assim mesmo de forma bem mais amena que os outros dois candidatos — que condenaram o atrelamento feito pelo presidente entre a campanha e a principal data cívica do país.

Simone divulgou um vídeo em que lastimava o coro de “imbrochável” que o presidente puxou, ontem de manhã, no comício de Brasília: “Triste Brasil, né? Triste Brasil que tem um presidente preocupado com a masculinidade enquanto o povo passa

fome”, atacou a emedebista, que cumpriu agenda em Jaguariúna (SP), onde visitou o polo de Meio Ambiente, Sustentabilidade e Educação.

A presidenciável também manifestou apoio às ações protocoladas no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pelas campanhas de Lula, de Soraya Thronicke (União Brasil) e de Ciro, além do PSol, contra Bolsonaro pelo uso da máquina e pelo discurso político nos atos públicos do Dia da Independência. A senadora disse que irá aguardar a deliberação do TSE e há a possibilidade de que sua coligação faça representação semelhante.

Descortesia

Já Ciro não poupou críticas a Bolsonaro e aquilo que classificou como “sequestro”, pelo presidente, do 7 de Setembro. “Uma tristeza

profunda de ver como essa gente está apodrecendo a nação brasileira”, lastimou. O pedetista ainda definiu como uma “agressão diplomática” o destaque dado ao empresário Luciano Hang — que no palanque de Brasília chegou a ficar ao lado do presidente, tomando o lugar de outras autoridades —, relegando a segundo plano o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, que veio ao Brasil especialmente para a comemoração do Bicentário.

“Transformar uma solenidade cívico-militar num comício, com milhões de recursos públicos envolvidos... Olha, não existe mais lei no Brasil”, atacou.

Ciro cumpriu agenda em Ouro Preto (MG) e, em live no final da tarde, se disse aliviado. “Termino essa etapa do Dia da Independência com um misto de algum alívio. Acabei de ouvir a segunda

fala do Bolsonaro e não aconteceu aquilo que a gente mais temia, que fosse descambar para violência, ou que inocentes fossem mortos, ou feridos, por essa atitude absolutamente irresponsável que o chefe da nação, Jair Messias Bolsonaro, tem tomado, ante a convivência de certos setores militares”, atacou.

Lula, por sua vez, surpreendeu pelo tom ameno de sua manifestação. Em vez de críticas a Bolsonaro, salientou, em sua conta no Twitter, que o Dia da Pátria nunca foi utilizado por ele para campanhas eleitorais.

“Ao invés de discutir os problemas do Brasil, Bolsonaro me ataca e não explica como sua família juntou R\$ 26 milhões em dinheiro vivo para comprar 51 imóveis. O Brasil precisa de amor, não de ódio”, disse o petista, que não cumpriu agenda de campanha.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Pra não dizer que não falei do Imbrochável

Espirituoso, zombeteiro, gracejador, como o próprio apelido diz, o português Francisco Gomes da Silva desembarcou no Rio de Janeiro em 1808, como um dos 15 mil integrantes da Corte que acompanharam a fuga de D. João VI de Portugal. Era filho bastardo de Francisco José Rufino de Sousa Lobato, Visconde de Vila Nova da Rainha, e de sua empregada doméstica Maria da Conceição Alves, uma moça pobre, que foi mandada para a África, enquanto Antonio Gomes da Silva, protegido de Lobato, registrava o menino como filho legítimo.

O pai biológico não abandonou o filho, que estudou no seminário de Santarém, onde aprendeu francês, inglês, italiano e espanhol. Em 1807, acabou expulso pelo reitor e veio com a família real para o Brasil, onde acabou faxineiro do Palácio São Cristóvão.

Chalça e uma dama da Corte foram flagrados nus num dos quartos do Palácio pelo próprio D. João VI. Expulso de São Cristóvão, onde era visto como espião pela rainha Carlota Joaquina, abriu uma barbearia na rua do Piolho (atual rua da Carioca), mas logo voltou ao serviço da Corte, após o retorno da família real para Portugal, porque era amigo de D. Pedro I.

Sua influência na Corte foi muito maior do que aparentava. Na qualidade de oficial maior da Secretaria de Estado, inseriu na Carta Constitucional do Império do Brasil de 1824 a sua assinatura com a rubrica: “Francisco Gomes da Silva, a fez”.

Por ter redigido a Carta, foi condecorado por Pedro I com a comenda da Torre e Espada. Para os brasileiros, era corrompido e corruptor: pagava jornais, disseminava calúnias e panfletos anônimos para insultarem os políticos liberais. Sem escrúpulos, era visto como recadeiro, insolente, trapaceiro e antipático ao Brasil e aos brasileiros.

Nas lutas de bastidor após a Independência, conseguiu ser mais influente do que José Bonifácio, mas acabou traído pelo Marques de Barbacena, que negociou o casamento de D. Pedro I com a princesa D. Amélia de Leuchtenberg. Nomeado embaixador plenipotenciário do Império para o Reino das Duas Sicílias, cuja capital era Nápoles, Chalça recusou o cargo e foi para Londres, onde realizou um levantamento dos gastos de Barbacena, que acabou demitido do Ministério da Fazenda por D. Pedro I em razão dessa devassa.

Havia muita tensão política no Brasil por causa da inflação e da escassez de carne seca. A oposição acusava D. Pedro I de ser “absolutista”. Os “áulicos” portugueses que cercavam o monarca, principalmente Chalça, eram responsabilizados pelas ações autocráticas do imperador e da falta de diálogo com a Câmara dos Deputados.

O amigo alcoviteiro, mulherego, boêmio e divertido de D. Pedro I jamais voltou ao Brasil. Mas foi chamado a Portugal pelo imperador, em 1833, para ser secretário de Estado da Casa de Bragança. Em 1834, Pedro morreu e deixou viúva, Dona Amélia, sua segunda esposa, de quem Chalça se tornaria amante. Na tarde de 30 de dezembro de 1852, morreria em Lisboa, no Hotel Bragança.

Isolamento

Chalça foi a face mais picaresca e, ao mesmo tempo, obscura do reinado de Pedro I, com quem tinha uma relação de estreita confiança. Lembrei-me do Chalça porque protagonizou um estilo de fazer política de baixíssima qualidade que marcou o Primeiro Império.

Talvez seja o ambiente mais parecido com o que estamos vivendo, com o presidente Jair Bolsonaro (PL) cercado de áulicos. Mas o que houve, ontem, nas comemorações do Bicentário da Independência, em termos de qualidade da política, era inimaginável.

Não foram apenas a transformação de uma data magna num ato eleitoral, nem o constrangimento ao qual foram submetidas as Forças Armadas. Os ritos da Presidência foram todos desrespeitados. No lugar dos presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux — que evitaram o vexame —, no palanque oficial pontificava o empresário Luciano Hang, o Velho da Havan, ao lado de um constrangido presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, que parecia não acreditar no que estava vendo.

Com o discurso modulado por marqueteiros, Bolsonaro não fez ataques diretos ao Supremo Tribunal Federal (STF) e se esforçou para seduzir o eleitorado feminino, que está inviabilizando a sua reeleição. Mas quando falou das mulheres, foi um desastre.

Depois de elogiar a primeira-dama, Michelle Bolsonaro (“uma mulher ativa na minha vida, não é ao meu lado, não; muitas vezes ela está é na minha frente”), Bolsonaro saiu-se com esta: “E eu tenho falado para os homens solteiros, para os solteiros que estão cansados de ser infelizes. Procure uma mulher, uma princesa, se casem com ela, para serem mais felizes ainda”.

Na sequência, beijou a primeira-dama e puxou o coro: “Imbrochável, imbrochável, imbrochável!”. Nem nos tempos do Chalça se viu uma coisa dessas.